APRESENTAÇÃO

Bruno Anselmi Matangrano
Lígia Regina Máximo Cavalari Menna

SOBRE CRIAR MUNDOS REGIDOS PELA MAGIA: HISTÓRIA E TEORIAS DA FANTASIA NO SÉCULO XXI

A Fantasia surge na segunda metade do século XIX, em obras anglófonas de autores como William Morris (1834-1896) e George MacDonald (1824-1905), mas se estabelece e se difunde principalmente a partir das publicações de J. R. R. Tolkien (1892-1973) e C. S. Lewis (1898-1963). Na segunda metade do século XX, o gênero populariza-se em outros espaços linguísticos, diversificando-se em tendências comumente classificadas em subgêneros temáticos (fantasia épica, urbana, espacial, científica, sombria etc.) e por um maior ou menor grau de relação entre os elementos mágico-fantásticos e a dita realidade (alta fantasia, baixa fantasia, fantasia imersiva, intrusiva, de portal etc.), constituindo em si uma macrocategoria dada sua porosidade, capacidade adaptativa e facilidade de hibridização com outros gêneros.

No século XXI, é sem dúvida uma das vertentes mais prolíferas do insólito ficcional, encontrando importante espaço em língua portuguesa, como bem demonstra o levantamento feito na terceira parte do estudo de Matangrano e Tavares (2018) relativo às vertentes da fantasia brasileira, apesar de seu surgimento tardio no Brasil e em Portugal. A despeito de sua popularidade, trata-se de uma das categorias ficcionais não-miméticas menos estudadas academicamente, em particular nos espaços lusófonos, onde, para além de teses, dissertações e artigos ocasionais, encontram-se

ainda poucos estudos de fôlego, salvo iniciativas ainda bastante pontuais como a importante coletânea de artigos *Aspectos do romance de fantasia: motivos míticos e maravilhosos na literatura* (2022) publicada pela editora da FURG.

Mesmo em obras de referência dentro do universo do insólito ficcional, o silêncio relativo ao gênero é gritante. Tzvetan Todorov, por exemplo, em sua célebre *Introdução à literatura fantástica* (1970) [2008], não chega a se dedicar a esse gênero ou a obras assim classificadas. O mesmo acontece em *O Fantástico* (1996) [2006] do professor italiano Remo Ceserani. Já Rosemary Jackson, apesar de trazer a Fantasia no título de seu estudo *Fantasy: The Literature of Subversion* (1981), apresenta-a como uma categoria modal, que se confunde com o próprio fantástico – como também o faz Filipe Furtado (2021) em seu verbete para o Dicionário Digital do Insólito Ficcional –, deixando de lado qualquer especificidade do termo e centrando-se em um conjunto de obras fundamentalmente semelhante às analisadas por Todorov e Ceserani.

É apenas a partir dos anos 1990, e em particular dos anos 2000, que estudos como os de John Clute e John Grant (1997), Brian Attebery (1992), Anne Besson (2007), Farah Mendlesohn (2008) e, mais recentemente, William Blanc (2019), dentre outros, preocuparam-se em sistematizá-la, categorizá-la e estruturá-la como gênero distinto não apenas do fantástico, como da ficção científica, do maravilhoso e do realismo mágico, com os quais por vezes foi errônea ou superficialmente confundida. Lamentavelmente, nenhum desses estudos está disponível em língua portuguesa, o que dificulta o surgimento de pesquisas locais acerca do assunto, dependentes da leitura e pesquisa de materiais

em inglês ou francês, nem sempre acessíveis ou disponíveis deste lado sul do Atlântico.

Como consequência, em português, os trabalhos específicos sobre a Fantasia ainda são poucos e com frequência resumem-se a estudos de casos, carecendo de uma bibliografia teórica e historiográfica do gênero. A isso soma-se a ausência de traduções de estudos estrangeiros, como se mencionou. Diante dessa escassez de material crítico, teórico e historiográfico sobre a fantasia em língua portuguesa, o presente número da revista *Abusões* buscou reunir artigos que versassem sobre 1) as teorias da Fantasia e/ou de suas subcategorias; 2) a história do gênero e suas transformações ao longo dos séculos XX e XXI; 3) seu lugar nos países de língua portuguesa (ficção, mercado, recepção e crítica) e 4) seu diálogo e hibridização com outros gêneros e/ou em outras mídias. Para tanto, privilegiamos estudos que levassem em conta as recentes abordagens teóricas em torno dessa categoria, no intuito de proporcionar ao público acadêmico, em geral, e brasileiro, em particular, mais aportes para as futuras pesquisas voltadas a esse gênero tão popular e importante no cenário contemporâneo.

Nosso número é composto de seis artigos de autores brasileiros, três de aspecto teórico-historiográfico, onde são mapeadas e apresentadas obras precursoras e/ou pouco analisadas do gênero, e três de aspecto ensaístico e essencialmente teóricos, que buscaram discutir pontos essenciais para compreensão e definição do gênero, tais como os conceitos de “magia” e de “world-building”, ou ainda o papel do leitor em sua recepção e em seu entendimento como categoria literária. A esses textos, somam-se duas traduções de estudos essenciais para a compreensão das tipologias da Fantasia,

em geral, e da Fantasia Urbana, mais especificamente. O volume encerra-se com uma entrevista com a importante pesquisadora britânica Farah Mendlesohn, que retoma, expande e dialoga com a tradução de um estudo da mesma autora que tivemos a honra de incluir neste dossiê.

O texto de abertura do dossiê “*The Worm Ouroboros and the quest for a lost fantasy manifesto*”, de Euclides Ribeiro, traz uma importantíssima contribuição não apenas teórica para compreender as nuances do conceito de Fantasia, como historiográfica, retomando vários precursores do gênero, antecessores de Tolkien, para entender em qual momento este se sistematizou seguindo os moldes como o concebemos na contemporaneidade. Para tanto, de forma didática e perspicaz, apoiando-se em extensa bibliografia, Ribeiro elenca uma série de questões, discutindo a própria noção de “gênero” e conceituando a Fantasia, para em seguida discutir o que há – e o que não há – dessa categoria em autores como Morris e MacDonald, já aqui mencionados, ou ainda em outros nomes conhecidos, como H. P. Lovecraft (1890-1937), ou menos lembrados, como Lord Dunsany (1878-1957), para finalmente destacar e analisar o livro lamentavelmente inédito em português *The Worm Ouroboros* (1922), do hoje esquecido Eric R. Eddison (1882-1945), obra que Ribeiro considera uma espécie de manifesto que elucida e estabelece o paradigma contemporâneo de Fantasia.

Em seguida, também na busca por estabelecer precursores do gênero, mas, desta vez, em um contexto brasileiro, André K. Taniguchi e Cristhiano Motta Aguiar, em seu artigo “As Pulp Fiction de Guimarães Rosa: um estudo dos contos ‘Makiné’ e ‘Chronos

kai Anagke””, propõem importantes reflexões sobre a fase inicial da carreira literária de João Guimarães Rosa, a partir dos estudos contemporâneos sobre o insólito ficcional e sob a perspectiva teórica da Fantasia. Trazidos a público com a obra póstuma *Antes das primeiras estórias* (2011), os contos analisados antecipam elementos da Fantasia, como a exploração do mágico e do aventuresco, como bem o demonstram os autores do trabalho. Destaca-se o fato de a fase inicial de Rosa ter sido influenciada pelas *Pulp magazines*, revistas literárias estadunidenses que contribuíram para disseminar gêneros especulativos nas primeiras décadas do século XX. Uma faceta pouco conhecida que contrasta com o regionalismo sertanejo que iria caracterizar a obra posterior de um dos mais importantes escritores da Literatura Brasileira. Como aporte teórico, trazem para o diálogo Matangrano e Tavares (2018), Stableford (2009) e Tolkien (2020), dentre outros.

Já Giovanna Camila Campara, em “De Gondor à Inys: um estudo comparativo entre *O Senhor dos Anéis* e *O Priorado da laranjeira*”, estabelece um instigante diálogo entre a icônica obra de J. R. R. Tolkien, um marco da Fantasia, e a recente produção de Samantha Shannon, fazendo a ponte entre a Fantasia modelo do escritor britânico e a contemporaneidade, contribuindo, portanto, para a constituição de nosso panorama. O artigo traz para o debate aspectos como a construção de mundos, a complexidade narrativa das obras, a eucatástrofe e a representação feminina. Para a autora, Shannon demonstra uma “evolução” na literatura de Fantasia, pois oferece uma visão inclusiva e moderna, mais alinhada às demandas feministas contemporâneas, ao compor um mundo “onde as mulheres são essencialmente livres”. Como

aporte teórico, apresenta, dentre outros, Tolkien (1997), Ritchea (2013), Parry (2012) e Bernárdez (2020).

Afastando-se da historiografia do gênero, Frederico Negrini Silva, em seu ensaio “Magic and subversion: Weaving reality’s fabric”, dedica-se de forma minuciosa à busca e compreensão do elemento mágico, essencial para a definição de Fantasia, no âmbito das narrativas não miméticas. Partindo de estudos como os já citados de Mendlesohn, Attebery e Jackson, o autor discute os limites da dita “realidade” – também discutida e contextualizada – para conceituar a própria noção de “magia” – apoiando-se também em teóricos da filosofia e da psicanálise, como Jung –, noção que, apesar de ser amplamente usada, carece de sistematização, como defende o autor. Em seguida, Silva demonstra como a magia é um elemento estruturante da Fantasia, capaz de ajudar a defini-la, compreendê-la e mesmo diferenciá-la de outras categorias do insólito ficcional, ajudando a contrapô-la às literaturas miméticas.

Como significativa contribuição para os estudos da Fantasia e a formação do leitor literário, apresentamos o penúltimo artigo de nosso volume, intitulado “A literatura de Fantasia e o leitor: considerações teóricas a respeito do desafio de viver imaginativamente”, no qual o professor Cristiano Camilo Lopes apresenta uma revisão teórica da manifestação da Fantasia na literatura, explorando suas interações com o leitor e a importância da experiência leitora. Nesse sentido, observa as relações entre conceitos, tais como “mundos primário e secundário”, “numinoso”, “mito”, e a própria noção de “Fantasia”. A análise é fundamentada nas ideias de autores como Lewis (2009, 2018), Tolkien (2014), Zilberman e Lajolo (2017), entre outros, destacando a relevância do

gênero na formação de mediadores de leitura literária e seu grande potencial para a formação de novos leitores, em um contexto de grande expansão do mercado voltado à Fantasia.

Por fim, em “Construindo Mundos: A técnica do world-building nos role-playing games”, de João Vitor Batistute, outro conceito-chave para a compreensão e definição do gênero é discutido: o *world-building* ou “construção de mundos”, em português. Embora seja constantemente evocado como elemento estruturante da Fantasia, há poucos estudos que se debruçam sobre de que forma a construção de mundos corrobora para o entendimento da Fantasia. Nesse sentido, Batistute demonstra não apenas a importância desse elemento que aproxima Fantasia e Ficção Científica, demarcando o território insólito em contraste com a representação mimética da realidade circundante, mas também destaca que, na contemporaneidade, esse conceito se desdobra para além dos limites da literatura convencional. Sua análise centra-se, então, nas narrativas de RPG (*role-playing game*), jogos de papéis em que jogadores colaboram na construção de histórias, tomando parte ativa no processo de criação e, portanto, na construção de mundos ficcionais, notadamente, de Fantasia. Ele exemplifica sua argumentação com uma análise de *Dungeons and Dragons*, um dos mais antigos, prestigiados e elogiados sistemas de RPGs.

Na seção seguinte, temos duas traduções de relevantes textos teóricos. O primeiro trata-se do texto introdutório do livro *Rhetorics of Fantasia* [Retóricas da Fantasia] (2008), inédito em português, de autoria de Farah Mendlesohn, que gentilmente autorizou sua publicação. Mendlesohn é uma historiadora e acadêmica britânica, reconhecida por seus diversos livros sobre os

gêneros Fantasia e Ficção Científica, dentre os quais *Diana Wynne Jones: Children's Literature and the Fantastic Tradition* (Oxford: Routledge, 2005), *The Inter-galactic Playground: A Critical Study of Children's and Teens' Science Fiction* (Jefferson, NC: McFarland, 2009), *A Short History of Fantasy* (London: Middlesex University Press, 2009) com Edward James, *Children's Fantasy Literature: An Introduction* (London: Cambridge University Press, 2016) com Michael Levy, *The Pleasant Profession of Robert A. Heinlein* (Unbound, 2019) e *Classic Fantasy Stories* (Macmillan, 2024). Notadamente com o livro *Rhetorics of Fantasy*, a autora tornou-se uma referência incontornável para os estudos do gênero nos dias atuais. Vale ressaltar que muitas de suas pesquisas concentram-se na Ficção Científica, sendo a teórica também escritora de ficção especulativa.

No texto que aqui apresentamos, em brilhante tradução da tolkienista Cristina Casagrande, Mendlesohn sintetiza seu ensaio, apresentando seus pressupostos teóricos, suas justificativas metodológicas para seleção do corpus e, sobretudo, a tipologia taxonômica que criou e que hoje se tornou uma das formas mais populares e recorrentes de classificação da Fantasia em estudos acadêmicos.

Com sua abordagem retórica, que privilegia o efeito do texto literário não-mimético e seu estilo, destacando o uso da ironia e da técnica da construção de mundos, Mendlesohn introduz cinco classificações possíveis, que resumizamos a seguir: 1) a Fantasia de portal-demanda, na qual uma pessoa do mundo dito real é introduzida a um mundo mágico que lhe cabe descobrir no mesmo ritmo dos leitores; 2) a Fantasia imersiva, na qual, tal

como na Ficção Científica, a personagem vê-se imersa em um mundo não-realista que, no entanto, lhe é natural, propondo realidades paralelas, alternativas ou substitutivas ao mundo “primário”; 3) a Fantasia intrusiva, onde, por sua vez, vê-se a irrupção do elemento mágico-fantástico em meio ao cotidiano do mundo real, causando uma perturbação pautada pelo choque entre as diferentes realidades; 4) a Fantasia Liminar, que propõe algo próximo à hesitação todoroviana, buscando descrever uma situação de absurdo e naturalização do mágico que, todavia, perturba o leitor, em descompasso ante a personagem, para quem a realidade mágica é naturalizada; 5) por fim, Mendlesohn prevê a possibilidade de Fantasias Irregulares, que escapam às outras classificações ou que se encontram imbrincadas entre elas, com elementos de mais de uma categoria ao longo da narrativa. Com essa tradução, esperamos difundir mais a teoria da autora junto ao público lusófono e fomentar novas pesquisas teóricas nesse campo.

A última tradução apresenta em português o artigo “A Alquimia da Fantasia Urbana: O Enigma da Descentralização no Cerne de um Gênero”, do pesquisador irlandês radicado na França Dean-Liathine McDonald, que também gentilmente autorizou sua publicação em tradução de Bruno Anselmi Matangrano. Nesse estudo, McDonald parte dos pressupostos de Bryan Attebery e de sua teoria dos conjuntos difusos, segundo a qual devemos interpretar os gêneros do insólito ficcional não como categorias isoladas, mas como uma rede rizomática de categorias que se tocam e, por vezes, misturam-se à medida que se afastam de uma determinada obra exemplar escolhida como modelo. A partir disso, McDonald apresenta a

dificuldade de definição da Fantasia Urbana, um dos subgêneros mais populares da Fantasia, que por seu aspecto híbrido, em constante contato com o gótico, o policial, o fantástico e mesmo o romântico e o sentimental, acaba por se tornar menos tangível se vista sob a perspectiva modular de uma Fantasia mais tradicional, como as que emulam a estrutura tolkieniana. Partindo de uma analogia com a alquimia, McDonald explica justamente essa característica híbrida e adaptativa, que nos ajuda não apenas a entender o subgênero a que se dedica, mas, de modo geral, as diversas categorias compósitas em voga no século XXI.

O número encerra-se com um entrevista com a própria Farah Mendlesohn concedida aos professores Lígia Regina Máximo Cavalari Menna e Paulo César Ribeiro Filho. Nela, a pesquisadora britânica nos esclarece que a obra citada não deve ser considerada um manual de instruções, mas sim um compilado de observações sobre algumas técnicas retóricas presentes na Fantasia, gênero que tem se transformado nas últimas décadas, assumindo novos matizes. Ela ainda aponta que, desde a publicação de *Rhetorics of Fantasy*, o consenso sobre a definição de Fantasia se fragmentou e novas formas de pensar o gênero, especialmente fora do contexto anglófono, têm desafiado as definições tradicionais. Nesse contexto, Mendlesohn destaca o trabalho de acadêmicos como Joy Sanchez-Taylor, Grace Dillon e Bodhisattva Chattopadhyay. Ao ser questionada sobre a representação das minorias na fantasia contemporânea, Mendlesohn observa que há um aumento nesse sentido, com novas vozes sendo ouvidas. Menciona que novos modos de contar histórias estão surgindo, trazendo mais diversidade tanto para a Fantasia como para a Ficção Científica. Mendlesohn

também comenta sobre suas pesquisas e próximos livros: um sobre Geoffrey Treas, autor de literatura infantil, e outro sobre *The Female Man*, de Joanna Russ.

Dessa forma, encerramos esse vigésimo sexto número da Revista *Abusões*, o primeiro inteiramente dedicado ao gênero Fantasia, na esperança de que novas pesquisas venham a se somar às aqui apresentadas, na tentativa de mapear e definir essa categoria em constante expansão e transformação, o que atesta não apenas sua importância, mas igualmente sua capacidade de se atualizar e se perpetuar em uma realidade cada vez mais dinâmica e múltipla, como o são também, as diversas vertentes da Fantasia. Desejamos a todos e a todas, uma excelente leitura!

REFERÊNCIAS

- ATTEBERY, Brian. *Strategies of Fantasy*. Bloomington: Indiana University Press, 1992.
- BESSON, Anne. *La Fantasy*. Paris: Klincksieck, 2007.
- BLANC, William. *Winter is coming: une brève histoire politique de la fantasy*. Montreuil: Libertalia, 2019.
- CESERANI, Remo. *O Fantástico*. Tradução de Nilton Cezar Tridapalli. Curitiba: Editora UFPR, 2006.
- CLUTE, John; GRANT, John (Orgs.). *The Encyclopedia of Fantasy*. London: Orbit, 1997.
- FRITSCH, Valter Henrique de Castro; ROCHA, Fabian Quevedo da; ZILBERMAN, Regina (Orgs.). *Aspectos do romance de fantasia: motivos míticos e maravilhosos na literatura*. Rio Grande do Sul: Editora da FURG, 2022.
- FURTADO, Filipe. Fantasia/Fantasy. In: REIS, Carlos; ROAS, David; FURTADO, Filipe; GARCÍA, Flavio; FRANÇA, Júlio (Eds.). *Dicionário Digital do Insólito Ficcional (e-DDIF)*. 2.ed. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2021. Disponível em: <https://www.insolitificcional.uerj.br/fantasia-fantasy>. Acesso em 30 abr. 2025.
- JACKSON, Rosemary. *Fantasy: The Literature of Subversion*. London, New York: Methuen, 1981.

MATANGRANO, Bruno Anselmi; TAVARES, Enéias. *Fantástico brasileiro: o insólito literário do romantismo ao fantasismo*. Curitiba: Arte & Letra, 2018.

MENDLESOHN, Farah. *Rhetorics of Fantasy*. Middletown, Connecticut: Wesleyan University Press, 2008.

TODOROV, Tzvetan. *Introdução à Literatura Fantástica*. Tradução de Maria Clara Correa Castello. 3.ed. São Paulo: Perspectiva, 2008.

Bruno Anselmi Matangrano

Doutor em Letras (Literatura Portuguesa), pela Universidade de São Paulo (USP).

Maître de Langue Portugaise na Escola Normal Superior de Lyon (ENS-Lyon – França).

Colíder do grupo de pesquisa “Nós do Insólito: vertentes da ficção, da teoria e da crítica” (UERJ);

pesquisador do grupo de pesquisa “Produções literárias e culturais para crianças e jovens” (USP)

e da rede de pesquisa internacional *Lire en Europe aujourd’hui – LÉA* (Universidade do Minho – Portugal).

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2139289828609663>.

ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0001-7914-0804>.

E-mail: bamatangrano@yahoo.com.br.

Lígia Regina Máximo Cavalari Menna

Doutora em Letras (Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa), pela Universidade de São Paulo (USP), onde também realizou um pós-doutorado.

Professora Adjunta na Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM), colíder do grupo de pesquisa “Produções literárias e culturais para crianças e jovens” (USP).

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6923282866494290>.

ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-0860-1631>.

Site: www.ligiamenna.com.br.